

História da disciplina acadêmica Geografia em Uberaba (MG): a contribuição do relato oral da professora pioneira na formação de professores de Geografia na região do Triângulo Mineiro

Mariana Bernardo Menon

✉ menon.mariana@gmail.com

Resumo

A necessidade em reconhecer as veias da ciência geográfica da cidade de Uberaba (MG) e da região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba nos leva à instituição pioneira na formação de professores de Geografia da cidade e região: a FISTA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Para isso, buscamos fornecer subsídios à reflexão histórica da disciplina em Uberaba, através do relato biográfico da professora pioneira dessa ciência na região, que criou o Curso de Licenciatura em Geografia na FISTA em 1948: Irmã Maria de Loreto Gebrim, a primeira professora de Geografia do ensino superior da região, com doutorado em Geomorfologia pela Universidade de Paris - Sorbonne. Este artigo tem o objetivo de contribuir para a escrita da História da Geografia como disciplina acadêmica a partir da memória da professora Irmã Loreto, que é nossa fonte para a apreensão de uma cultura de saberes e práticas educativas de uma época que influenciou e influencia a forma de lecionar Geografia, uma vez que os professores ali formados estão em pleno gozo de sua profissão.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: história da disciplina, licenciatura em Geografia, Triângulo Mineiro, memória, Irmã Loreto.

Introdução

Uma pesquisa com o interesse de saber sobre as origens das veias geográficas de Uberaba (MG) nos levou à pioneira instituição de ensino superior na formação de professores de Geografia da cidade e da região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, a FISTA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

Hoje, 67 anos após a fundação da FISTA, buscamos fornecer subsídios à reflexão histórica da disciplina em Uberaba, através do relato biográfico da professora pioneira dessa ciência na região. Irmã Maria de Loreto Gebrim (1918-2015) foi a primeira professora religiosa da instituição, assim como, a primeira professora de Geografia do ensino superior da região com doutorado em Geomorfologia pela Universidade de Paris - Sorbonne e a responsável pela criação do curso de Geografia da FISTA. Irmã Loreto é nossa fonte para a apreensão de uma cultura de saberes e práticas educativas de uma época que influenciou e influencia a forma de lecionar Geografia, uma vez que os professores ali formados estão em pleno gozo de sua profissão.

Temos a importância do tema cunhada na necessidade que se tem em reconhecer as veias geográficas da cidade de Uberaba. Nesse sentido, a partir de estudos da memória, nos propomos a reconstruir a trajetória de formação e profissional da professora Irmã Loreto; compreender a cultura de saberes e práticas que estruturou a formação de professores de Geografia durante a segunda metade do século XX (mais especificamente entre os anos de 1943 e 1980) em Uberaba, em suas diferentes dimensões e manifestações; além da intenção de fazer interagirem o passado e o presente e possibilitar uma fonte direta de dados para pesquisas no atual processo de formação de professores de Geografia em Uberaba e região, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Este trabalho insere-se no campo de pesquisa em Educação, na área de História da Educação, em particular, na História da Disciplina Escolar e, ainda mais especificamente, na História da Disciplina Geografia. Este artigo¹ tem como objetivo apresentar parte da reconstrução da trajetória da formação da Irmã Loreto e sua cultura de saberes e práticas educativas como formadora de professores nessa disciplina, visando à reconstrução de um histórico do princípio da formação de professores e do estudo da sociogênese do conhecimento escolar da Geografia (GONÇALVES, 2011) predominantes na região. Realizar essa reconstrução a partir da memória de uma professora comprova sua importância no processo educativo.

1 Este texto desprende-se de pesquisas realizadas no Trabalho de Conclusão de Curso da autora.

Durante a realização do estudo, por se tratar de uma fonte viva de informações, o que atribuiu um caráter vivo aos dados desta pesquisa, identificamos a necessidade dessa investigação junto à depoente ser realizada à luz dos referenciais ético-acadêmicos e político-educacionais da história oral.

Uma vez definida, a utilização da história oral deve-se à preocupação em colocar o sujeito – Irmã Loreto - em evidência e, assim, registrar acontecimentos que não estão relacionados em documentos ou fontes primárias. Colocando em evidência o passado, a história oral nos permite uma reinterpretação deste no presente, possibilitando a criação de uma identidade histórica da Geografia em Uberaba e na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, onde nossa depoente atuou como professora no ensino superior, além de possibilitar uma fonte direta de dados para pesquisas no atual processo de formação de professores de Geografia em Uberaba e região pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um breve histórico

Segundo Maria de Lourdes Leal dos Santos (2006), com o regimento aprovado em 16 de setembro de 1948 e seu funcionamento autorizado em dezembro do mesmo ano, a Faculdade de Filosofia (FAFI) contava com os cursos de Filosofia, Pedagogia, História e Geografia e Letras – Línguas Neolatinas, Clássicas, Anglo-Germânicas e Didática. Tendo suas atividades acadêmicas iniciadas em 1949, a faculdade foi a primeira instituição confessional de ensino superior de Uberaba e a única fundada pelas Irmãs Dominicanas no Brasil.

Figura 1.



Fotografia tirada em março de 1949, após a missa inaugural da FISTA, no Colégio Nossa Senhora das Dores. Foto de J. Schroden Jr. Sentados, da esquerda para a direita, estão: Irmão Lourenço Esteves, Madre Maria Ângela da Eucaristia, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, uma pessoa que não identificamos e a Irmã Maria Virginita do Rosário. Atrás (entre) Madre Maria Ângela da Eucaristia e Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, está a Irmã Maria de Loreto Ruth Gebrim, professora do curso de Geografia da FISTA. Fonte: <<http://www.josemendonca.com.br>>. Acesso em: 14 set. 2010.

Era a concretização do anseio da elite socioeconômica e cultural de Uberaba, que desejava a criação de uma instituição de ensino superior que proporcionasse a continuidade dos estudos dos jovens sem que saíssem do convívio familiar.

Até 1954, a instituição funcionou em dois departamentos, o masculino e o feminino, localizados no Colégio Marista Diocesano e no Colégio Nossa Senhora das Dores, respectivamente. Com o crescimento do número de alunos, os dois departamentos se uniram num prédio provisório e em 1961 a FISTA consolidou-se, com a inauguração de um prédio próprio e o reconhecimento dos novos cursos de Jornalismo, Química, Matemática e História Natural.

Definida dentro de uma linha humanista cristã, propunha-se dar ao aluno da FISTA a oportunidade de interpretar o mundo de forma crítica e real, para melhor compreendê-lo e incentivá-lo a criar formas de participação na sociedade.

Segundo Santos (2006, p. 38), a organização de atividades religiosas — como conferências e retiros espirituais — ligadas à JUC (Juventude Universitária

Católica) e a oferta de cursos avulsos no cotidiano da faculdade possibilitaram “uma formação acadêmica diferenciada” e acenderam “uma nova mentalidade na juventude uberabense” (SANTOS, 2006, p. 39). Ainda segundo a autora, “a perspectiva cristã era uma tônica no contexto cultural de Uberaba” e sobre esse aspecto comenta Alceu de Amoroso Lima, o qual reconhece a instituição como um autêntico local de fermentação cultural uberabense (SANTOS, 2006, p. 38).

O Golpe Militar de 1964, que colocou fim a democracia e à liberdade do povo brasileiro, perdurou por 21 anos (de 1964 a 1985) e, além de provocar prejuízos econômicos e políticos ao país, as consequências foram desastrosas no âmbito da cultura e da educação (ARANHA, 2006). A Reforma Universitária de 1968, dentre outras medidas, “extinguiu a cátedra (cargo de professor universitário, titular em determinada disciplina), unificou o vestibular e aglutinou as faculdades em universidades” (ARANHA, 2006, p. 317). No âmbito da FISTA, a legislação provocou inúmeras mudanças, inclusive quanto ao nome da instituição, que foi alterado para Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (SANTOS, 2006).

Apesar de viver um período de asfixia, a Instituição conseguiu continuar seu trabalho na promoção da cultura, apoiada na presença e na postura firme do eclesial Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, arcebispo de Uberaba, que exigia respeito e autonomia para a liberdade de ação da Igreja local e para a continuidade das atividades culturais na FISTA em pleno período de repressão e perseguição aos ideais humanistas e marxistas (SANTOS, 2006).

É de extrema importância destacar uma iniciativa dos universitários uberabenses que, visando à melhoria da qualidade da educação no ensino superior, junto aos Diretórios Acadêmicos, em maio de 1967 reivindicaram ao Presidente da República, Marechal Arthur da Costa e Silva, a federalização das Faculdades de Uberaba para a criação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Apresentaram um diagnóstico comprovando o número de faculdades existentes, a realidade educacional de Uberaba e região e a necessidade de um órgão de ensino superior federal que não fosse privilégio de uma minoria (SANTOS, 2006). Apesar dos esforços, o desejo não se concretizou.

Nos anos 1970, a instituição viveu um novo momento, desencadeado pelas exigências legais da Reforma Universitária, que interferiram profundamente na organização, nos processos de gestão e avaliação da Faculdade (SANTOS, 2006, p. 76). No ano de 1972, visando prolongar sua proposta educacional, foi assinado um acordo de integração entre a FISTA e a Universidade Católica de Minas Gerais. Com um importante artigo, a imprensa local registrou essa nova etapa com o seguinte teor:

Diante do impasse que a própria época criou, a comunidade religiosa da Fafi [...] decide passar adiante a obra construída com sacrifício e amor imensuráveis. É no entanto, a esma doação abnegada que orientou a criação da Fafi que exige passá-la adiante: espera-se assim que a Fafi possa prolongar-se fora dos limites que as Irmãs puderam lhe dar, ganhando em consistência e presença [...] (Lavoura e Comércio, 29/05/1974, p. 2 apud SANTOS, 2006, p. 76).

Concomitantemente a essa reorganização legal da FISTA, as irmãs dominicanas vivenciaram um processo de mudança da ordem que reafirmava a Teologia da Libertação, colocando no centro “a opção preferencial pelos pobres” (SANTOS, 2006, p. 83). Aos poucos, as comunidades religiosas foram se desligando das Instituições de ensino e assumindo novos postos de trabalho. um reflexo desses novos acontecimentos na Instituição foi a saída das religiosas da direção, assumida por uma professora e ex-aluna.

Em seguida, o fechamento da FISTA foi presenciado com pesar por toda a comunidade uberabense:

O motivo primordial da “venda” foi a falta de recursos financeiros para a manutenção da Faculdade, diante do número insuficiente de alunos, da divisão dos cursos em departamentos, sobrecarregando a folha de pagamento. A expansão de novos cursos em outras instituições despertou o interesse dos alunos para outras áreas do conhecimento (SANTOS, 2006, p. 83).

Levados por um conjunto de fatores internos e externos, em 1981, contando com grande importância na história da formação docente de Uberaba, foi incorporada à antiga FIUBE – Faculdades Integradas de Uberaba — atual UNIUBE – Universidade de Uberaba —, tendo seus cursos de licenciatura encerrados três anos depois. Esse processo de fusão levou parte da concretização do sonho dos universitários de uma Universidade de Uberaba, que poderia futuramente levar a sua federalização (SANTOS, 2006, p. 85).

A caracterização da gênese e da história da trajetória educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino é importante por dar subsídio para melhor compreender a própria instituição, a fim de, como nos orienta Carvalho (2010), superarmos o desafio de precisar o lugar a partir do qual a disciplina acadêmica se instaura.

A disciplina acadêmica como campo de pesquisa

Sabemos que o campo de estudo sobre a história da educação encontra-se consolidado e com muitos pesquisadores dedicados a ele. Diferentemente dos estudos sobre a história da educação, o interesse em conhecer a história das disciplinas escolares vem sendo explorado muito recentemente e tem se manifestado entre os pesquisadores de forma a favorecer uma “história de sua própria disciplina” (CHERVEL, 1990, p. 177). Circunscrito a esse interesse se identifica nossa pesquisa, diferenciando-se apenas por ser direcionada não à disciplina de uma instituição escolar, mas a uma instituição de ensino superior formadora de professores de Geografia e, por isso, disciplina acadêmica.

Chervel (1990) trata como disciplina escolar aquela que se encontra no ensino básico, mas utilizaremos do mesmo sentido para as disciplinas do ensino superior, uma vez que suas discussões nos auxiliam a compreender o papel do professor e da instituição de ensino superior analisadas na formação de professores da disciplina escolar Geografia. Se segundo o autor, a identificação, a classificação e a organização dos objetivos ou finalidades da escola são algumas das tarefas da história das disciplinas escolares, é também tarefa das disciplinas acadêmicas identificar, classificar e organizar a gênese histórica dos conteúdos e práticas docentes no ensino superior. Em outras palavras, ambas são criações próprias de e para suas instituições, a fim de satisfazer suas finalidades; ambas produzem suas concepções teóricas, suas práticas conforme o nível de escolaridade (CHERVEL, 1990). Sendo assim, devemos ressaltar que as disciplinas são as responsáveis pelo limite entre ensino básico e ensino superior.

As disciplinas acadêmicas criam práticas originais, desenvolvem peculiaridades, refletem as representações dos professores que as ministram. Por isso, podemos admitir que elas também são produto de uma cultura própria. Quando nos referimos às disciplinas acadêmicas, as referências a esse campo de pesquisa são escassas e, nesse sentido Carvalho (2010) alerta que devemos ter cautela em utilizar fontes que tratam diretamente das disciplinas escolares. É necessário lê-las e analisá-las com cuidado e atenção para não transpô-las diretamente para o caso das disciplinas acadêmicas. Ainda de acordo com a autora, é preciso também estabelecer com clareza os limites e relações entre disciplinas escolares e disciplinas acadêmicas.

Enquanto a Geografia escolar, por questão de divergências de natureza epistemológica, é constituída por uma “multiplicidade de saberes de referência” (RODRÍGUEZ LESTEGÁS, 2012, p. 17) que tem como objetivo contribuir com a construção de uma identidade coletiva e com o desenvolvimento da consciência

nacional, a Geografia do ensino superior, como uma diversidade de disciplinas acadêmicas, se caracteriza por transmitir diretamente o saber “suas práticas coincidem com suas finalidades” (CHERVEL, 1990, p. 185), o professor produz e sistematiza suas concepções teóricas e suas práticas a fim de formar novos professores (CARVALHO, 2010), mas sem muito se preocupar em modificar um conteúdo utilizando de diferentes métodos pedagógicos de aquisição. No ensino superior, o aluno deve estudar a matéria a fim de dominá-la e assimilá-la (CHERVEL, 1990).

É importante destacar que o surgimento da Geografia, assim como da História, nos sistemas educacionais, se deu primeiro no ensino básico, antes de merecer categoria universitária. Segundo Rodríguez Lestegás (2012), essa aparição foi impulsionada por um objetivo ideológico que tinha por finalidade instruir os estudantes a desenvolverem consciência nacional e espírito patriótico num momento de afirmação dos Estados-nação do Velho Continente. A Geografia foi, então,

se convertendo em uma instância defensora das conveniências governamentais, submissão que lhe foi recompensada com um desenvolvimento da comunidade científica dos geógrafos generosamente apoiado pelos governantes europeus (RODRÍGUEZ LESTEGÁS, 2012, p. 20).

Frente a essas circunstâncias, a geografia era uma das disciplinas que mais demandaram professores e foi essa necessidade que conduziu à institucionalização desta disciplina no ensino superior — o que nos possibilita afirmar que “foram as necessidades derivadas do conhecimento geográfico escolar que impulsionaram o desenvolvimento do saber geográfico científico” (RODRÍGUEZ LESTEGÁS, 2012, p. 20).

Chervel (1990) afirma que o problema das finalidades da escola, em parte, está relacionado à história das disciplinas. Por que a escola ensina tais conteúdos? Como se caracterizam essas finalidades? Em determinada época da história, “a sociedade, a família, a religião experimentaram (...) a necessidade de delegar certas tarefas educacionais a uma instituição especializada” (CHERVEL, 1990, p. 187); a essa necessidade a escola deve sua origem. É de acordo com os grandes objetivos da sociedade, que variam conforme cada época, que se estipulam finalidades de todas as ordens à escola que, conseqüentemente, vão acabar por influenciar a determinação dos conteúdos de ensino. Todas essas finalidades “estão em estreita correspondência” (CHERVEL, 1990, p. 188), o que faz, então, da instituição escolar, em cada época, um conjunto de complexas finalidades educativas e de instrução.

Estudar essas finalidades nos leva diretamente à análise de textos oficiais (leis, relatórios, projetos de reforma, programas, manuais, exercícios), mas Chervel (1990) nos alerta sobre os ensinamentos que se apresentam na sala de aula e que não estão registrados, necessariamente, nos textos oficiais. E é a figura do professor que se apresenta no centro desse “processo que transforma as finalidades em ensinamentos” (CHERVEL, 1990, p. 191), transformação que só é possível por se apoiar em um sistema pedagógico autônomo que permite que o professor crie, modifique ou adote diferentes e novos métodos de ensino, a fim de torná-lo possível. Essa liberdade de criação disciplinar caracteriza a singularidade atribuída a cada disciplina conforme as épocas de transformação cultural e social do público escolar, fazendo necessária uma análise que envolva, então, textos oficiais e registros da sala de aula para compreender a constituição histórica das disciplinas. Fica clara a importância do professor para que a instituição cumpra seu papel de ensinar, comprovando, assim, a importância de reconstruir a história a partir da memória da professora responsável pela criação do primeiro curso de Geografia em Uberaba.

A pesquisa em educação: abordagem qualitativa e o método da história oral

No início dos estudos sobre os fenômenos educacionais, as pesquisas sofriam influência das ciências físicas e naturais. Porém, o desenvolvimento dos estudos na área da educação mostrou que tais fenômenos inserem-se no campo das ciências humanas e sociais e que não podem ser estudados isoladamente, pois acontecem de maneira inextricável (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Com a quebra do paradigma positivista, fez-se necessária a busca de novas formas de fazer pesquisa em educação. Despertadas por uma curiosidade investigativa dos problemas educacionais e com o surgimento de novos métodos, “foram fortemente influenciadas por uma nova atitude de pesquisa, que coloca o pesquisador no meio da cena investigada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 7).

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto com o objeto de estudo, uma vez que os fatos não se revelam espontaneamente ao pesquisador, por isso não há como separar pesquisador, sujeito e objeto de pesquisa e os dados devem ser analisados seguindo um processo indutivo. Segundo Bodgan e Biklen (1982 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13) a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em tratar a perspectiva dos participantes”. Dessa forma, para que pudéssemos construir nossos dados, tomamos como metodologia de pesquisa a história oral, fazendo uso de entrevistas como instrumento básico para a coleta de dados, tendo em vista o seu caráter de

interação entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Entendemos história oral no seu sentido mais amplo, dado por Thompson (2002, p. 9) como “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Vemos o método da história oral como fundamental para o crescimento dos estudos em educação, por se tratar de um método que traz importantes subsídios ao nosso campo de estudo, já que a prática docente é essencialmente oral e não é registrada no âmbito da pesquisa.

Apesar do enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração o contexto social do tempo e do espaço da pesquisa. De acordo com Lucília Delgado (2010, p. 16), “a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico” que traz o ensinamento do tempo passado e o tempo presente com a intenção de produzir documentos e fontes — os quais atenderão às necessidades do pesquisador e que posteriormente, tornando público o material elaborado, poderão ser utilizados em novas pesquisas, podendo ser reinterpretados por diversas perspectivas e continuar a contribuir para o crescimento do conhecimento sobre o tema.

A memória é a principal fonte dos depoimentos, nos quais estão presentes as dimensões do tempo individual e do tempo coletivo. Essa relação entre as múltiplas temporalidades destaca-se como um dos muitos desafios da história oral, pois se fala de um tempo sobre outro tempo (DELGADO, 2010).

Devido ao caráter de interação entre pesquisador e pesquisado que permeia a entrevista, as condições em que é realizada influenciam diretamente o resultado do depoimento. Por isso, algumas medidas devem ser tomadas durante a realização das entrevistas, tais como: fazer uso de um roteiro flexível, que elenque os principais tópicos a serem abordados; demonstrar conhecimento prévio sobre o assunto tratado, a fim de facilitar a fluidez da entrevista; é importante demonstrar interesse e respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado; cumprir o acordo de local e do horário marcados para a entrevista; dispor de grande capacidade de ouvir o depoente, estimulando o fluxo de informações e garantindo um clima de confiança; e, se for o caso, a garantia do anonimato ao depoente (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Irmã Loreto e sua contribuição para a formação de professores de Geografia

A escolha de nossa depoente deu-se pelo fato de esta ter sido a responsável pela criação do curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba, no ano de 1948, estando entre os primeiros cursos de licenciatura no país e por se tratar de uma fonte viva de informações. Adotamos o método da história oral que, por seu caráter interdisciplinar, nos permite “fazer história”, além de atribuir maior valor aos dados, já que a prática docente é essencialmente oral. Irmã Loreto faleceu no ano de 2015, com 97 anos, aos 25 dias de junho, na cidade de Uberaba.

Os depoimentos foram coletados através de três entrevistas², entre os anos de 2010 e 2013, gravadas em sistema de áudio e vídeo, que seguiram um roteiro semiestruturado, com todo o rigor e a orientação ética que esse tipo de pesquisa exige que o pesquisador demonstre ao pesquisado.

A partir desses posicionamentos, criamos uma boa relação de interação com o pesquisado, o que favoreceu uma situação ideal de comunicação, sem qualquer sinal de violência simbólica ou distanciamento imposto por seu papel social (BOURDIEU, 1999). Prova disso é a presença de sinais corporais que denotavam aprovação com relação à forma de comunicação e abordagem dos conteúdos, tais como acenos com a cabeça, olhares, sorrisos e até mesmo sinais verbais de interesse e agradecimento.

A primeira entrevista foi realizada em outubro de 2010 e se deu em duas partes: a primeira em uma sala da Capela das Dominicanas no Colégio Nossa Senhora das Dores e a segunda, no Museu da Capela das Dominicanas de Monteils. Esta entrevista foi intermediada pela religiosa responsável pelo museu — Irmã Ângela — e teve como objetivo central coletar dados para uma atividade do componente curricular “Estudo e Desenvolvimento de Projetos III” do curso de licenciatura em Geografia. Foi um trabalho realizado com um grupo de alunos da segunda turma do curso e, entre os resultados da pesquisa, houve a produção de um vídeo-documentário³. Os conteúdos foram direcionados por um questionário semiestruturado que flexibilizou o diálogo entre entrevistador e entrevistado. Na primeira parte foram tratados assuntos como vida antes e durante o convento, sua formação e a pós-graduação em Geografia, as excursões e práticas em sala de aula. Já a segunda parte tratou quase exclusivamente de seus objetos em exposição, tais como materiais de trabalho para a conclusão do doutorado, teses, fotos e uma rica coleção de rochas, minerais e fósseis coletados em seus trabalhos de campo.

No final do ano de 2012, foram a nós confiados alguns documentos de nossa depoente, o que nos estimulou a realizar uma segunda entrevista. Este encontro se

2 As entrevistas se encontram transcritas na íntegra no Trabalho de Conclusão de Curso da autora.

3 O documentário está disponível para consulta no Laboratório de Cultura e Educação Geográfica (LABEDUC-Geo) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

deu em janeiro de 2013 em um contexto menos formal, no Centro de Cultura e Espiritualidade Santo Tomás de Aquino, onde reside a depoente.

O depoimento transcorreu em um ambiente descontraído e com total disposição por parte da depoente em contribuir respondendo às dúvidas e nos orientando sobre o uso dos documentos apresentados. Nesse encontro foi entregue à Irmã uma cópia do documentário elaborado da primeira entrevista.

A terceira e última entrevista, realizada em junho de 2013, teve como objetivo tirar algumas dúvidas sobre datas e momentos da trajetória profissional da depoente. Nesse dia, ela nos apresentou seu armário de “tesouros” — um armário no escritório, onde guardava muitos materiais pessoais de estudo, publicações, entrevistas, material didático que era utilizado em sala de aula, além de outros aparelhos que eram utilizados na época, dezenas de fotos que utilizava nas aulas de aerofotogrametria e várias caixas com slides sobre vários conteúdos de Geografia.

Nascida em 1918, natural de Formosa, Goiás, Irmã Loreto já sabia desde criança que iria dedicar sua vida a Deus. Assim sendo, concluiu os estudos na Escola Normal em 1934 e em fevereiro de 1935 entrou para o convento da Ordem das Dominicanas de Monteils em Uberaba. No convento, ao lado da música, lecionou português e matemática para o primário, mas foi só no final da década de trinta que entrou em contato com a Geografia. As aulas no primário marcaram o início de uma longa trajetória profissional como docente.

Sua afeição e a dedicação à música estão sempre presentes em suas falas e não escondem o quanto a Geografia tomou seu desenvolvimento musical. Sobre esse fato, nos conta:

[...] no campo da música eu continuei com minhas composições. Hoje eu devo ter quatrocentos e tantas composições musicais sem praticar, porque eu nunca tenho tempo, a Geografia me acaprou! (22/10/2010)

Irmã Loreto concluiu seus votos religiosos na França, em 1938, onde também aproveitou a oportunidade para se “esbanjar” na música. Quando indagada sobre o porquê de sua formação em Geografia, ela responde que, antes de embarcar de volta ao Brasil, recebeu uma carta de sua Madre Superiora com as seguintes instruções:

Pois é! Eu nem pensava que Geografia existisse! Quando recebi uma carta da minha Madre aqui do Brasil dizendo: “Irmã Loreto, voltando para o Brasil, agora em fevereiro de trinta e oito, ou trinta e nove? Não sei... Trinta e oito! Você vai ficar no Rio e vai fazer o curso de História e Geografia para fortalecer o magistério aqui do Colégio

Nossa Senhora das Dores”. (22/10/2010)

Irmã Loreto se interessava era pela música e em seguir, sem desvios, ao seu objetivo central na vida, que era o de se tornar religiosa. Sua sinceridade ao contar como a Geografia entrou em sua vida nos faz concordar com Louro (1990) quando diz que pessoas mais velhas, em geral, mostram-se mais dispostas a falar sem qualquer vergonha de todo tipo de fato ocorrido em sua vida. Fica evidente também o efeito do tempo, que corrói a memória, decorrente de sua idade avançada. Diferentemente dos homens, mulheres tem maior facilidade em expor suas vidas com sentimento e detalhes, inclusive incluindo parte da história de vida de pessoas que fizeram parte de suas experiências (LOURO, 1990; THOMPSON, 1992).

Terminando o curso de Geografia, eu vim para o Colégio Nossa Senhora das Dores para dar aula de Geografia, História... Mas nesse tempo se cogitou a fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santo Tomás de Aquino. Então eu fui professora de Cartografia e Geografia Física, que tinha três anos — um ano para Climatologia, outro para Geomorfologia e outro para Biogeografia. (22/10/2010)

É importante refletirmos sobre essa fala, no que diz respeito à composição das disciplinas da faculdade: mesmo tendo cunho humanista e com influência das teorizações libertadoras de Paulo Freire, a Geografia da FISTA era composta quase unanimemente por disciplinas da área Física, além das pedagógicas. A parte crítica da formação dos futuros professores de Geografia advinha da base humanista que todos os cursos tinham juntos, antes de iniciar-se o curso específico. Como relata:

[...] quando os alunos entravam, eles faziam primeiro dois anos!

E nesse curso todos os alunos ficavam juntos, fosse de Matemática, Ciências, Geografia e História... E a gente dava uma base bem acessível.

[...] Essa base era para basificar o curso especializado que viria depois. Ele não tinha nada de voltado à pedagogia, didática... Não! (30/01/2013)

Nesse sentido, lembremo-nos dos paradigmas científicos do período em questão, época em que para se fazer ciência com credibilidade era necessário o uso das técnicas e metodologias das Ciências da Natureza. A Geografia brasileira, nesse período, em grande medida, se pautava nos dados e formas de coleta apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos quais predominavam

as formas quantitativas de pesquisa e tratamento dos dados. E a formação de Loreto tinha muita influência desse instituto, uma vez que contou que aproveitava os períodos de férias se atualizando em cursos avulsos na Universidade do Rio e no IBGE. Isso explica o fato de a base teórica utilizada nas aulas serem os livros provindos principalmente da USP e do IBGE, como ela relata:

Bom, dessas apostilas [...] há três fontes. Algumas retiradas de livros do IBGE, outras de livros franceses que eu trouxe da Sorbonne e a terceira, apontamentos das aulas que eu tive na Sorbonne com os professores [...]. (30/01/2013)

Entre os anos de 1939 e 1943, Loreto graduou-se em Geografia, e em 1944 voltou para Uberaba para integrar o quadro de professores do Colégio Nossa Senhora das Dores. Nesse mesmo ano, fundou-se o Instituto Superior de Cultura — administrado pelas Irmãs Dominicanas em conjunto com os Irmãos Marista. Esse Instituto foi o início da representativa instituição de ensino superior que estava por vir (SANTOS, 2006).

A organização dos papéis para a submissão da FISTA ao Ministério da Educação e da Saúde foi toda elaborada pelas Irmãs Dominicanas e Irmã Loreto foi a responsável pela criação e pela organização de toda a estrutura do curso de Geografia. A faculdade é então fundada, em 1948, e passa a funcionar em 1949, onde a Irmã lecionou por três anos.

Com evidente orgulho, conta que, em 1952, “com um punhado de certificados na mão, com toda facilidade”, conseguiu uma bolsa para a Sorbonne (Universidade de Paris), e foi à França realizar o doutorado, patrocinada pelo professor Francis Ruellan e com apresentações de Hilgard Stenberg e Pierre Deffontaines.

A escolha da França como destino para a realização do doutorado se deu por afinidade com a língua e pela influência de alguns professores franceses que lecionavam no Rio de Janeiro. Um exemplo é o professor Ruellan, que foi, inclusive, quem orientou Loreto em suas teses. A respeito de seus estudos, Loreto defendeu duas teses: uma na França, em 1956; e a que lhe proporcionou o título de doutora, defendida na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Retornando a Uberaba já como catedrática, lecionou de 1957 até 1979 na FISTA e, após sua incorporação pela antiga FIUBE, até 2002.

A FISTA foi a instituição pioneira na formação de professores de Uberaba e da região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Tempos depois da fundação da faculdade em Uberaba é que foram surgindo instituições na região, nas quais Loreto

integrou o corpo docente. A esse fato deve-se a importância de sua atuação como docente não só na cidade de Uberaba, mas na região. Além disso, a faculdade polarizava alunos de vários estados do Brasil, o que lhe atribuiu referência nacional.

Quanto à organização dos conteúdos ministrados, Loreto afirma que o currículo da Geografia na FISTA “era igual ao currículo da faculdade do Rio” (22/10/2010). Suas aulas também não ficavam apenas restritas à sala; eram realizadas duas excursões por ano com os alunos, uma longa e outra curta, onde colocavam em prática os saberes adquiridos dentro de sala.

Uma questão importante destacada por Loreto é a diferença entre trabalhos de campo e excursões. A primeira refere-se ao pesquisador que desloca-se sozinho ao campo para estudar e coletar rochas e outros materiais para uma pesquisa em comum; já as excursões são como aulas, mas em campo, e não dentro da sala de aula, onde não se tem cunho de pesquisa.

Loreto lecionou variadas disciplinas durante sua carreira, como podemos constatar neste trecho do depoimento:

Eu dava aula de Geografia Física, de Mineralogia, Astronomia, Pedologia, Aerofotogrametria. Conforme a necessidade dava algumas num ano e outras em outro, mas eram essas. Aqui na FISTA e na UNIUBE. Em Araguari foi Geografia Física. Em Ituiutaba, era no curso de Agronomia que eu dava Ciências dos Solos. Na faculdade de Araxá, eram Geografia Física e Geologia. Dei aula também na Universidade de Ciências Econômicas durante cerca de cinco anos — dava aula de Geografia Econômica. Durante todo esse tempo e durante um ano eu fui votada como diretora, na ocasião em que queriam reconhecer definitivamente a faculdade, e como eu tinha prática disso para o trabalho que eu fiz pro reconhecimento da FISTA, me pediram para dirigir os trabalhos no Ministério. Eu fui diretora um ano e alguns meses, depois eu pedi demissão porque para isso não tem jeito, eu tenho jeito é para dar aulas! (22/10/2010)

Nesse trecho, Loreto expressa sua identidade como docente, sentimento muito presente em suas falas em relação à sala de aula e aos trabalhos e atividades que desenvolvia com os alunos. Uma satisfação que refletia, segundo seus depoimentos, na dedicação em preparar aulas diferenciadas, com materiais didáticos muitas vezes elaborados pelos próprios alunos. Uma vez que a formação era de professores, segundo ela, dava-se um trabalho com dois intuitos: de o aluno se preparar pessoalmente, cientificamente e motivar-se para estudar e conhecer a

Geografia e, em segundo lugar, para eles terem um meio, uma orientação para dar aulas (30/01/2013). Essas práticas eram um dos elementos que tornavam a FISTA uma instituição preocupada com uma formação diferenciada, que defendia a ideia de ter seus professores como auxiliares dos alunos na busca do conhecimento. Sobre suas aulas, Loreto completa:

Geralmente eu dava as minhas aulas usando muito material didático e, como durante algum tempo eu dei aula prática de Geografia, eu ensinava os meus alunos a fazerem mapa em relevo, fazerem globo em relevo [...]. Os alunos é que faziam, então fazendo eles aprendiam em vez de ficar na “decoreba” [...]; então os alunos adoravam minhas aulas por causa dessas mexidas. (22/10/2010)

Loreto nos conta com detalhes como era a construção dos globos em relevo:

Pegava aquelas bexigas de crianças brincarem, enchia até ficarem deste tamanho e com todo cuidado os alunos iam rasgando jornal e colando em cima delas até umas trinta, quarenta camadas. Depois disso, esperavam secar durante dez dias. Ficava uma bola leve, porque oca por dentro e com jornal, e sólida. Então a gente pintava de branco, traçava os continentes e as ilhas e punha então uma massa de gesso misturado com cola da Bahia e jornal, que deixava de molho um mês até virar uma massa. A gente que fazia, cada aluno que trabalhava nisso tinha um pedaço de arame de 15 cm marcadinho, o que representava 100 metros, 200 metros, até 1800, que é o Himalaia. Então eles punham e enchiam de massa até o número da altitude que “tava” no livro e assim, depois de pronto, pintavam [...]. Então pintavam, enfiavam uma corrente, penduravam no teto e tinham um globo [de meio metro]. (22/10/2010)

As aulas de Geografia diferenciadas culminavam na valorização da professora por parte de seus alunos, o que fica mais evidente quanto às excursões — de que trataremos mais adiante.

Abaixo (Figura 2), temos uma foto da sala de Geografia da FISTA. Essa sala era utilizada pelos alunos principalmente para o encontro de grupos para a realização de trabalhos. Loreto sempre se encontrava na sala para auxiliar tirando dúvidas ou eventualmente levando novidades aos grupos, sempre fazendo o papel de incentivadora da busca pelo conhecimento.

Figura 2. Sala de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, por volta do ano de 1960. Em destaque, no centro da sala, encontra-se o globo em relevo que era construído pelos alunos.



Fonte: Acervo de fotos do Museu das Dominicanas de Monteils – Uberaba (MG).

Nota-se um ambiente que instiga os alunos: mapas tradicionais, mapas em relevo, gráficos, os globos em relevo pendurados no teto, mesas de estudo para grupos. Suas aulas, segundo seus relatos, eram realmente ricas em atividades que buscavam fazer a diferença.

As excursões eram, com certeza, a atividade mais esperada entre os alunos do curso de Geografia mas, antes de sair em viagem, Loreto aponta para a importância de o professor planejar minuciosamente o trabalho, realizando um levantamento do lugar, anotando pontos de parada que apresentem relevantes elementos a serem abordados. Quanto a isso, justifica:

Porque pra gente ensinar e interessar o aluno, tem que fazer plano! Eu “tava” com o meu plano pronto, e aí a gente ia parando nos lugares chaves [...]. Quando eu ia sozinha, eu fazia tudo... Tomava nota de tudo que eu deveria explicar para eles. Por exemplo, fazia uma excursão daqui pra Araxá. Pros alunos de Geografia era uma coisa diferente que interessava, diferente do que interessava pros alunos de Engenharia Agrícola... E diferente do que interessava para os alunos da Engenharia Civil. Então eu fazia um plano para cada um e fazia três excursões. (30/01/2013)

À sombra da Ditadura, a FISTA sofreu os efeitos das exigências legais da

Reforma Universitária de 1968 e, concomitantemente às alterações na Ordem, que afastou as Dominicanas do fazer docente, culminou-se na “venda” da instituição. Então, entre os anos de 1979 e 1980, houve a fusão entre FISTA e FIUBE. Entretanto, Loreto foi uma das poucas que permaneceram nessa função profissional. Na FIUBE, permaneceu no curso de Geografia por mais três anos e após seu encerramento passou a lecionar Geologia Aplicada ao curso de Agronomia.

Sobre esse período, ela nos conta:

Eles [FIUBE] tentaram continuar [com o curso] pra receber o título de Universidade, mas depois eles foram fechando. Geografia no mundo inteiro, o homem é tão burro ainda que não descobriu que o maior interesse é o estudo da Geografia, porque é a casa que nós temos. (05/06/2013)

Nesse trecho do depoimento é evidente o sentimento de pertença que Irmã Loreto tem pela Geografia. Interessante é pensar que ela — a Geografia — invadiu e “acaparou” sua vida não por uma escolha, mas por um dever. O poder reconhecer suas expressões é o primeiro ponto mais interessante em estar em contato com o sujeito; o segundo ponto é o reconhecimento, por parte do pesquisado, à pesquisadora, tornando todo o processo de coleta e a construção de novos conhecimentos prazeroso. Privilégios (ou não) que só uma pesquisa desse caráter permite.

Por fim, reconhecendo seus trabalhos e influências, acreditamos que Loreto só não despontou para a pesquisa como seus colegas Aziz Ab’Sáber e Milton Santos, por duas questões: a religiosa e o tempo dedicado à docência. Nesse sentido, quando falávamos sobre seus trabalhos de campo, ela nos conta que no Brasil nunca teve tempo para tal exercício, como tinha na França, e afirma:

[...] aqui professor é professor ou é escritor, não dá para fazer as duas coisas. (22/10/2010)

Considerações finais

Nesta pesquisa, a oportunidade de tecer reflexões acerca da formação de professores de Geografia no oeste mineiro durante a segunda metade do século XX configura o início de outras possibilidades de investigação garantidas pelo registro das informações que a professora Irmã Loreto expressou nas entrevistas e que agora compõem mais uma fonte de dados sobre o tema na região.

A dedicação de Loreto à docência era de tempo integral, o que permitia que

ela refletisse e aprimorasse cada vez mais suas práticas e saberes. Esse fato nos faz lançar o olhar sobre a questão da necessidade de os docentes repensarem suas práticas a favor do processo de ensino-aprendizagem, o que nosso sistema de ensino — básico e superior — não permite, devido às atribuições burocráticas e exigências de produção intelectual.

As memórias da Irmã Loreto revelam que o ensino da didática era competência da pedagogia, mas sua experiência ministrando “Prática de Geografia” fez com que passasse a se preocupar com a utilização de diferentes materiais didáticos que auxiliariam seus alunos a criarem, posteriormente, na sala de aula. Essas evidências comprovam que Loreto estava à frente de seu tempo, uma vez que, naquela época, a Geografia na academia era baseada nas Ciências Naturais e as pesquisas sobre o ensino de Geografia eram pouco expressivas. Devemos também destacar que as concepções de ensino da FISTA contribuíram nesse processo. Apesar de apresentarmos apenas um exemplo das práticas relatadas que eram realizadas pela professora, podemos utilizá-la como indício para repensar a concepção de Bourdieu (1999) sobre um dos pontos que diferenciam uma disciplina acadêmica de uma disciplina escolar. Para ele, as disciplinas acadêmicas se restringem ao ensino da ciência e à obrigação do aluno em aprender, enquanto as escolares buscam meios que auxiliem a criança na busca do conhecimento. Loreto, a partir de suas “mexidas” e do uso constante de material didático, prova que no ensino superior buscar meios que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem pode também torná-lo mais atrativo e significativo.

Devemos lembrar que este texto expõe apenas uma pequena parte de toda a pesquisa realizada junto à depoente, mas tem como intenção apresentar os caminhos percorridos por esse, ainda pouco explorado, campo de pesquisa, que é o das disciplinas acadêmicas.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 693-713.
- CARVALHO, Maria da Conceição Sousa de. *Tecendo a História: Narrativas e memórias do fazer docente*. [S.I.]: UFPI, 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_09_2010.pdf> Acesso em: 13 nov. 2013.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v. 2, 1990, p. 177-229.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- GONÇALVES, Amanda R. A geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. *Biblio3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, V. XVI, n. 905, 2011. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-905.htm>>.
- RODRÍGUES LESTAGÁS, Francisco. A construção do conhecimento geográfico escolar: do modelo transpositivo à consideração disciplinar da geografia. In: CASTELLAR, Sônia; MUNHOZ, Gislaïne (orgs.). *Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos*. São Paulo: Xamã, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. A História (Oral) da Educação: algumas reflexões. *Em Aberto*, n. 47, p. 21-28, jul./set. 1990.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MENON, M. B. *Pioneirismo na Formação de Professores de Geografia no Triângulo Mineiro: Irmã Loreto e sua contribuição para a História da Disciplina (1943 – 1980)*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2014.
- SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- THOMPSON, Paulo. *A voz do passado - História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v. 5, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47&path%5B%5D=0>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

Sobre a autora

Mariana Bernardo Menon: licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e professora da rede pública de ensino básico.

* * *

ABSTRACT

The Geography academic discipline story in Uberaba (MG): the contribution of the oral report from the pioneer professor on the formation of Geography teachers on the Triângulo Mineiro region

The need of recognition in meeting the veins (roots) of the geographic science of the city Uberaba (MG, Brazil) and of the Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba region leads us to the pioneer institution on the formation of Geography teachers of the city and the region: the FISTA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. To do so, we seek to give subsidies to the historical reflection of the discipline in Uberaba, through the biographical report of the pioneer Professor of this subject on the region, who created the graduation courses in Geography on Fista in 1948: Sister Maria de Loreto Gebrim, the first Geography teacher of higher education of the region, with a doctorate degree in Geomorphology by the Paris-Sorbonne University. This article aims to contribute with the writing of the History of Geography as an academic discipline from the memory of Professor Sister Loreto, who is our source to the seizure of a culture of knowledge and educational practices of a time that influenced and still influences the Geography teaching ways, since the teachers graduated there are in good standing of their profession.

KEYWORDS: history of the discipline, Geography graduation, Triângulo Mineiro, memory, Sister Loreto.

RESUMEN

Historia de la disciplina académica Geografia em Uberaba (MG): la contribución del informe oral de la profesora pionera en la formación de profesores de Geografía de la región del Triângulo Mineiro.

La necesidad de reconocer las venas geográficas de la ciudad de Uberaba (MG - Brasil) y de la región del Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba nos lleva a la institución pionera en la formación de profesores de Geografía de la ciudad y de la región: FISTA - Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras Santo Tomás de Aquino. Así, buscamos subsidiar la reflexión histórica de la disciplina de Geografía en Uberaba a través del relato biográfico de la profesora pionera de esa ciencia en nuestra región, que creó la licenciatura en Geografía en la Fista, en 1948. Hermana María de Loreto Gebrim fue la primera profesora de Geografía en la Educación Superior de la región, con un doctorado en Geomorfología por la Universidad de Paris - Sorbonne. Este artículo pretende contribuir a la escritura de la Historia de la Geografía como disciplina académica de la memoria de la profesora Hermana Loreto, que es nuestra fuente en el caso de la incautación de una cultura del conocimiento y de las prácticas educativas de una temporada en la que ha influido e todavía influye en la forma de enseñanza de la Geografía, dado que los profesores allí formados están en pleno goce de su profesión.

PALABRAS CLAVE: história de la disciplina, licenciatura en Geografía, Triângulo Mineiro, la memoria, Hermana Loreto.